

Confinamento e desigualdade social: vidas em sequestro e o impossível no reinventar de si mesmo em tempos de pandemia

Dr. Rogério Rodrigues¹

Resumo: O objetivo deste ensaio é analisar as relações que se estabelecem entre o confinamento para se evitar o contágio pelo novo coronavírus e a desigualdade social que se amplia em tempos de pandemia. O referido período de confinamento se iniciou no Brasil em 16 de março de 2020 na cidade de São Paulo, que se apresentou como lugar do epicentro da pandemia em nosso país. O método utilizado para referida análise tem como proposição investigativa a Filosofia da Educação no sentido de desbanalizar o discurso comum e ressignificar as consequências desta situação nos processos formativos em que tivemos que a realizar o impossível em nos reinventar como sujeito confinado, principalmente, no sentido de pensar como existir em sociedade trancado entre quatro paredes. Conclui-se que ocorre a necessidade de se pensar os processos formativos na superação das contradições que se ampliam com o confinamento social e, principalmente, torna-se importante romper com a prevalência do individualismo em tempos de confinamento que afeta, diretamente, a construção da sociedade amplamente democrática. Superar a questão vírus na pandemia trata-se, também, em ampliar as igualdades de acesso aos bens comuns materiais e a transmissão da cultura numa perspectiva de igualdade para todos.

Palavras-chave: Desigualdade Social, Pandemia, Sociedade, Educação.

Abstract: The purpose of this essay is to analyze the relationships that are established between confinement to avoid contagion by the new coronavirus and the social inequality that is growing in times of pandemic. The said period of confinement began in Brazil on March 16, 2020 in the city of São Paulo, which presented itself as the epicenter of the pandemic in our country. The method used for this analysis has as its investigative proposition the Philosophy of Education in the sense of deranging the common discourse and reframing the consequences of this situation in the formative processes in which we had to do the impossible in reinventing ourselves as a confined subject, mainly in the sense think how to exist in society locked between four walls. It is concluded that there is a need to think about the training processes in overcoming the contradictions that expand with social confinement and, mainly, it becomes important to break with the prevalence of individualism in times of confinement that directly affects the construction of broadly democratic society. Overcoming the virus issue in the pandemic is also about expanding the equal access to material common goods and the transmission of culture in a perspective of equality for all.

Keywords: Social Inequality, Pandemic, Society, Education.

Em tempo de vida normal, pude, em diversas vezes, visitar o museu de zoologia da Universidade de São Paulo (USP), que fica no bairro do Ipiranga na cidade de São Paulo. Nesse

¹ Professor da Titular da Universidade Federal de Itajubá (UNFEI). Fez sua graduação em Educação Física (UNESP), Mestre e Doutor em Educação (UNICAMP) e Pós-Doutor em Filosofia da Educação (USP). Atualmente, encontra-se vinculado como docente nos cursos de licenciatura e como pesquisador efetivo do programa de Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade em que atua com o tema de pesquisa relacionado com a formação do sujeito nas interfaces com a cultura. Autor de artigos e ensaios relacionados ao campo educacional.

local, há a coleção de diversos objetos e, principalmente, peças de fósseis, que permitem a oportunidade de pensar a existência e a extinção, por diversos motivos, de diversas espécies de animais que habitaram o nosso planeta no passado. Entre essa diversidade de espécies de animais extintos, os dinossauros se tornam verdadeira fascinação em decorrência do tamanho e forma de vida.

O interesse no referido assunto ficava em como os dinossauros, em sua predominância, grande variedade, tamanhos e força, há aproximadamente 65 milhões de anos, entraram em extinção por causas naturais? Há a suposição de que um asteroide em torno de 10 km de diâmetro colidiu com a terra e alterou todas as condições de vida, dificultando a existência de diversas espécies de animais pela falta de alimento na quebra da cadeia alimentar.

A partir dessa ocorrência catastrófica para alguns animais e ao se passarem alguns milhões de anos, houve o processo evolutivo para aqueles que sobreviveram e, em algum momento da pré-história, ocorreu a passagem de um animal que fala, usa as mãos, constrói instrumentos e pensa. Nas condições distintas dos outros animais, estamos nos referindo, diretamente, ao surgimento da espécie humana.

Agora, no momento atual, em plena modernidade, na era industrial do século XXI, a extinção de diversas espécies de plantas e animais ainda ocorrem, mas nem tanto por causas naturais, e sim por ação direta do homem que altera, por completo, o ecossistema, produzindo um desequilíbrio que coloca em risco sobrevivências de animais e plantas.

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente “ossificada” por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão. (GUATTARI, 2009, p. 7-8).

Pode-se constatar que a ação do homem no ambiente o altera por completo e torna insustentável a vida para um conjunto de espécies. O maior fator de alteração são os desmatamentos e os resíduos de poluentes de gases e resíduos. No contexto dessas alterações no ambiente, surge como reação outra circunstância que ameaça, diretamente, a espécie predominante atual e que, em vez de 10 km de diâmetro, possui uma dimensão inversa em

tamanho microscópico. Entretanto, apesar do tamanho microscópico, a nova ameaça produz uma doença infectocontagiosa para a qual não há medicamentos preventivos e terapêuticos.

Isso nos faz pensar, mais uma vez, que outras diversas formas de catástrofe podem colocar em risco a vida em nosso planeta. Torna-se oportuno dizer que a atual situação danosa atinge, diretamente, somente a espécie humana, primordialmente, a população de baixa renda, que não tem condições materiais para se defender do microorganismo com protocolos de segurança. Quando se diz protocolo é que, para muitos, não existe a possibilidade de ter o mínimo necessário, como, por exemplo, água limpa e sabão em casa para a obrigatoriedade de lavar as mãos. Estamos diante de um perigo que nos atinge, justamente, por ser algo microscópico o denominado coronavírus e que tem o

[...] tamanho, o qual pode variar de 10 a 300 nm. Dessa forma, são considerados os menores microrganismos existentes, podendo ser visualizados apenas através da microscopia eletrônica. Para fins de comparação, lembramos que as bactérias e as hemácias possuem, em média, 10 a 15 vezes o tamanho dos vírus, o que possibilita a identificação destes por meio da microscopia ótica. (STEPHENS, 2013, p. 1261).

Durante esse potencial ameaça microscópica à vida da espécie humana, o novo vírus se espalhou pelo planeta e causou a assustadora contaminação na espécie humana, que se apresenta em casos graves na síndrome respiratória aguda (covid-19). Para evitar esse contágio, houve o período de confinamento que se iniciou no Brasil, mais propriamente, em 16 de março de 2020 na cidade de São Paulo como lugar do epicentro da pandemia em nosso país. Portanto, em decorrência do novo coronavírus, tivemos que estabelecer, também, um novo modo de vida no intenso isolamento social que durou vários meses, mais precisamente, no momento atual da escrita deste ensaio, em cento oitenta e três dias e sabemos que muitos outros dias virão neste ficar em casa.

Ficar em casa para evitar a contaminação pelo vírus se configurou como uma tática de sobrevivência em que a privação da vida pública se misturou diretamente como prova de resistência emocional e adaptação ao espaço físico. A sensação é de que estávamos passando por um tsunami invisível de ordem microscópica que veio para destruir vidas e empregos de milhares de pessoas. Diria que foi devastador, principalmente, para grande parte de trabalhadores da informalidade, que ficou completamente sem renda e teve que aderir ao slogan de “ficar em casa”. Isso se tornou um modo imperativo ficcionista para muitos, pois, para grande parte da população, significa apertar-se em quartos pequenos e sem alimento.

O que se pode concluir deste primeiro momento é que a pandemia não é democrática, pois ela atinge de modo diferente as pessoas em decorrência da classe social. Na cidade de São Paulo, em estudo, pode-se verificar que as diferenças sociais também se apresentaram nas mortes, pois os dados indicaram que, em 65% dos óbitos, a renda familiar seria de até três mil

reais e, em 1% dos óbitos, a renda familiar estava acima de dezenove mil reais (ASSIS & MORENO).

Para alguns sujeitos, ficar em casa pode ser diversão no pleno conforto do espaço e, para outro, pode-se apresentar como verdadeiro sacrifício no pequeno espaço em que se mistura o medo e a necessidade que resultam na tragédia em que os números de mortos já passam a ordem numérica de cento e trinta mil e o número de infectados a já passam dos quatro milhões (SEM AUTOR, 2020b).

Esses números não param de aumentar a cada dia e parecem anestesiar a nossa capacidade de reflexão e passamos nos acostumar com a ideia de doença e morte como algo comum em nossas vidas, como parte de nosso cotidiano em que se instaura a banalidade na perda do valor de nossas existências.

Para alguns, o isolamento social em casa constitui o sentimento da perplexidade de como se torna possível ficar trancado em pequeno espaço por um período de tempo indeterminado, uma vez que a gestão da crise sanitária no Brasil não constitui, em nenhum momento, o controle da pandemia (SEM AUTOR, 2020a).

Ao contrário de ações preventivas, tivemos uma dedicada exposição, por parte de alguns sujeitos, que coloca em evidência a falta de exemplos, mais propriamente, um modelo de conduta pessoal de como espalhar o vírus para todos. Lembrando que, também, para maior parte da população, essa crise sanitária coloca em evidência as diferenças sociais e amplia a dificuldade de acesso às condições básicas de existência. No caso do adoecimento para esses desfavorecidos, trata-se do acesso a equipamento de assistência, pois o caso grave da Covid-19 requer o entubar o sujeito para respirar por aparelho.

Todos os gestores públicos fizeram as contas do leito de unidade de terapia intensiva (UTI) e diversos cálculos para se evitar o colapso no sistema de saúde. O primeiro caso, no Brasil, deu-se em 03 de fevereiro de 2020, a partir do qual se decretou o estado de emergência em saúde pública (PINHEIRO & RUPRECHT, 2020). A forma trágica da pandemia, que foi interpretada como “gripezinha”, veio realizar o anúncio da morte daqueles que são os suscetíveis ao agravamento da doença, pois os discursos a apresentam como

[...] simples gripe, o que é falso de acordo com estudos existentes. Ainda não é possível atestar a taxa de mortalidade do novo coronavírus, mas cientistas apontam que há uma maior letalidade em comparação à gripe comum. A Universidade de Bern, por exemplo, estimou que o Covid-19 apresenta letalidade de 1,6%. Já a taxa de mortalidade da gripe comum é de 0,1%, conforme mostra o CDC, órgão de prevenção de doenças dos EUA. Já a gripe H1N1, que teve um surto em 2009, apresentou taxas entre 0,01% a 0,08% (SEM AUTOR, 2020c).

A negação da pandemia se manifestou na ação de alguns sujeitos pelos espaços públicos: aglomeração sem uso de máscara; o uso incorreto dela, pendurada na orelha ou no

queixo; a desautorização do isolamento social como forma de combate ao processo de contaminação; a minimização dos efeitos da Covid-19; a exigência do uso de medicamento sem comprovação científica; a ausência do ministro Saúde por alguns meses; enfim, o Brasil caminhou para a maior crise sanitária da história.

O efeito dessa tragédia foi que, por diversos meses, vivemos um pico da pandemia em forma de platô que indica a total falência no controle da pandemia. A cada 24 horas, o número de mortos e contaminados se ampliou e, em decorrência desses números, no Brasil, de ficar em casa é, de fato, uma necessidade para evitar o contágio, mais propriamente, quebrar a corrente de contaminação.

A rotina da casa se apresentou impregnada de regras e colocou em evidência a necessidade da invenção do novo normal, mas não foi nada normal ficar num espaço limitado a quatro paredes, que impede a livre circulação do corpo pelo espaço não público.

Ocorreu somente o medo do contato com o outro, que seria algo peculiar da sociedade moderna atual e que se ampliou para o medo do contágio com o vírus, pois o que, comumente, ocorre, na modernidade, é a radicalização da sociedade do indivíduo.

A grande novidade é que, agora, o outro indivíduo, além de estranho, foi acrescentado que pode ser, também, o portador do vírus. A regra básica seria evitar a aglomeração e, primordialmente, o espaço onde os sujeitos, ao se apertarem uns com os outros, se liberem de sua individualidade, uma vez que:

Somente na massa é possível ao homem libertar-se do temor do contato. Tem-se aí a única situação na qual esse temor transforma-se no seu oposto. E é da massa densa que se precisa para tanto, aquela na qual um corpo comprime-se contra o outro, densa inclusive em sua constituição psíquica, de modo que não atentamos para quem é que nos “comprime” (CANETTI, 1995, p. 14).

Agora, o medo do contato tem a instância microscópica de que o inimigo é invisível e pode estar em qualquer lugar. Isso produz a condição de ficar em casa, mais propriamente, sem poder sair de casa, inclusive para encontrar o outro.

Que as pessoas comecem cada vez mais a ver o outro como um perigo, que se afastem e não se reúnam nunca, que temam um ao outro como uma possível morte de si. O sonho da disciplina higienista, reprogramado e ampliado com a ajuda de sofisticada tecnologia políticas de controle não-presencial. Uma aguda crise de presença vendida como solução, um esvaziamento brutal da existência e da alteridade como modo de vida. Nada mais desejável pelo capitalismo contemporâneo e de acordo com a sua suposta normalidade. E mais do que desejável, essa crise existencial é o que produziu e produz nos últimos 50 anos. Individualismo egoico reinante, relações generalizadamente mediadas por telas de aparelhos algorítmicos,

medo de tudo aquilo que pode ser contagioso, medo mesmo de estar e se sentir vivo (JOURDAN & AUGUSTO, 2020, p. 102).

Neste contexto, tivemos que nos reinventar como sujeito confinado no sentido de pensar como existir em sociedade trancado entre quatro paredes. A primeira conclusão sobre ficar trancado em casa é que as diferenças sociais também diferem no modo de confinamento, pois alguns, empossados de suas riquezas, postavam, nas redes sociais, suas casas com extenso jardim com piscina. Para a grande maioria, por outro lado, tornou-se mais evidente a falta do espaço para ampla circulação. Nesse contexto, pode-se constatar a importância dos detalhes do nosso cotidiano, como, por exemplo, a importância do pé direito na altura das paredes, a possibilidade de sair à rua e encontrar o outro, a condição de olhar o céu, sentir o calor do sol, enfim, viver. Isso tornou o sentimento da realização de vidas em sequestro e o impossível no reinventar de si mesmo em tempos de pandemia. Conclui-se que ocorre a necessidade de se pensar os processos formativos na superação das contradições que se ampliam com o confinamento social e, principalmente, torna-se importante romper com a prevalência do individualismo que afeta diretamente a construção da sociedade amplamente democrática. Superar a questão vírus trata-se, também, de ampliar as igualdades de acesso ao bem comum material e a transmissão da cultura numa perspectiva de igualdade para todos. Se isso vier a ocorrer no sentido de questionarmos as desigualdades sociais perante as dificuldades impostas pelo confinamento, teremos obtido um ganho com essa experiência trágica que se impôs sobre a sociedade brasileira no transcorrer da pandemia. Entretanto, se o novo normal se impuser como um rearranjo no estilo de vida em que se ampliam, cada vez mais, as diferenças sociais, isso será a caracterização de que, no nosso modelo de sociedade, efetivamente, a vida não tem valor. Esse desprezo pela vida se condiz como uma verdadeira marca do nosso subdesenvolvimento e que torna as nossas vidas um sequestro e um impossível reinventar de si mesmo em tempos de pandemia.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Joanna. & MORENO, Carolina. Estudo mostra que 66% de mortos por Covid-19 na Grande SP ganhavam menos de 3 salários mínimos. In: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/16/estudo-mostra-que-66percent-de-mortos-por-covid-19-na-grande-sp-ganhavam-menos-de-3-salarios-minimos.ghtml> Acessado em: 26 jun. 2020.

CANETTI, Elias. Massa e Poder. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira & Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 7-8.

GREGORIO, Rafael. Bolsonaro é denunciado a tribunal internacional por ‘estimular contágio’ de coronavírus. In: Valor Investe. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2020/04/04/bolsonaro-e-denunciado-a-tribunal-internacional-por-estimular-contagio-de-coronavirus.ghtml> Acessado em 29 jul. 2020.

JOURDAN, Camila & AUGUSTO Acácio. Não vai passar. In: GHIRALDELLI, Paulo et alli. Pandemia e Pandemônio – ensaios sobre biopolítica no Brasil. São Paulo: CEFA Editorial, 2020.

PINHEIRO, Chloé & RUPRECHT, Theo. Coronavírus: primeiro caso é confirmado no Brasil. O que fazer agora? In: Revista Veja. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-primeiro-caso-brasil/> Acessado em 29 jul. 2020.

SEM AUTOR. Brasil é o único país do mundo ainda com média diária de mais de mil mortes por Covid-19. In: Extra Globo. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/brasil-o-unico-pais-do-mundo-ainda-com-media-diaria-de-mais-de-mil-mortes-por-covid-19-24510824.html> Acessado em 15 jul. 2020a.

SEM AUTOR. Google. Disponível em: https://www.google.com/search?rlz=1C1CHBD_pt-PTBR909BR909&ei=suQRX_OOFIHR5OUP7vC0qA4&q=estatisticas+covid+19+brasil&oq=estatisticas+covid+19&gs_lcp=CgZwc3ktYWIQARgBMgQIABBDMgIIADICCAAyAggAMgIIADICCAAyAggAMgIIADICCAAyAggAOgYIABAWEB46CAgAEBYQChAeUNadBVjKqQVgtL4FaABwAHgAgAGoAYgB6QmSAQQwLjEwmAEAoAEBqgEHZ3dzLXdpeg&sc=psy-ab Acessado em 17 jul. 2020b

SEM AUTOR. O que Bolsonaro falou do coronavírus — e o que é fato. In: Aos Fatos Mais. Disponível em: < <https://aosfatos.org/noticias/o-que-o-presidente-falou-do-coronavirus-e-o-que-e-fato/> > Acessado em: 19 abr. 2020c.

STEPHENS, Paulo Roberto Soares et alii. Virologia. In: Conceitos e métodos para a formação de profissionais em laboratórios de Saúde. Volume 4. Organização de Etelcia Moraes Molinaro, Luzia Fátima Gonçalves Caputo e Maria Regina Reis Amendoeira. Rio de Janeiro: EPSJV; IOC, 2013.